

AINIAN, A. M. "From rulers' dwellings to temples. Architecture, religion and society in Early Iron Age (1100-700 B.C.)", in *Studies in Mediterranean Archaeology*, vol. CXXXI, 1997, 400 pp., figs.

Juliana Caldeira Monzani*

Os últimos 20 anos representaram o surgimento de vários projetos de estudo para a pré-história da Grécia, pesquisas voltadas sobretudo para a determinação dos padrões de assentamento. O impulso de tal período foi a publicação em 1979 de *A Gazetteer of Aegean Civilization in the Bronze Age I: mainland and islands* por Hope Simpson e Dickinson. Estas últimas duas décadas apresentam três fases bem definidas: a primeira, de 1978 a 1984, caracteriza-se pelo início da maioria dos projetos baseados em estratégias extensivas de escavação do século XIX; um segundo momento, de 1984 a 1992, é predominado pelo método intensivo e sistemático de pesquisa; os últimos anos, que representam a terceira fase, apresentam dois desenvolvimentos significativos, de um lado há o aparecimento das publicações resultantes dos projetos iniciados a partir de 1978, de outro, o início dos estudos comparativos inter-regionais baseados em tais publicações. Até recentemente, no entanto, tais trabalhos não têm sido resumidos, sistematizados e colocados à disposição, mas tal situação vem se alterando com a publicação de bibliografias e estudos mais abrangentes. Neste contexto inserem-se obras como René Treuil *et al Les civilisations égéennes du Néolithique et de l'Age du Bronze* (1989), Dickinson *The Aegean Bronze Age* (1994) e Feuer *Micenaean Civilization: a research guide* (1996).

Foi a partir do segundo momento também que, com o método de pesquisa intensivo, houve a preocupação com uma reavaliação das fontes bem como das abordagens adotadas. Neste sentido, o trabalho de Ainian é exemplar pois pretende, a partir do estudo arqueológico das habitações de "governantes", i.e., edifícios administrativos e dos edifícios de culto da Idade do Ferro, determinar algumas razões para o surgimento da Pólis grega

no período Arcaico. Esta obra faz parte de uma nova leitura de um período que por muito tempo foi denominado "a Idade Obscura grega" devido ao pouco conhecimento que se tinha a respeito do que acontecera no continente grego após a queda da Civilização Micênica até a época Arcaica, nada menos do que cinco séculos. Sua pesquisa baseia-se na potencialidade da documentação material para o estudo de tal época e é uma importante contribuição não só para os estudiosos dos períodos Arcaico e Clássico, mas principalmente para os da Idade do Ferro.

O trabalho, apresentado na série *Studies in Mediterranean Archaeology* é o resultado de uma adaptação e ampliação da tese de PhD defendida na Universidade de Londres em 1987. O estudo não tem como objeto as técnicas arquitetônicas, mas preocupa-se com a reflexão social, política e religiosa dos edifícios. O período estudado é o que Ainian denomina Idade do Ferro Antiga que compreende os séculos XI ao VIII a.C. Este período subdivide-se em Submicênico; Protogeométrico Antigo, Médio e Tardio; Geométrico Antigo, Médio e Tardio; e Sub-Geométrico, divisões que correspondem aos estilos cerâmicos. Entretanto, o estudo não está limitado a esta cronologia pois o autor sempre se remete a períodos anteriores como a Idade do Bronze Tardia na análise de prédios reutilizados e para períodos posteriores tais como a Idade Arcaica e a Clássica para tentar averiguar algumas continuidades. A região analisada compreende toda a Grécia continental, incluindo a Macedônia, Creta, as Cíclades, as Ilhas orientais e a Ásia Menor. Excluem-se do estudo o sul da Itália, a Sicília e Chipre (embora o autor reconheça que para Chipre atualmente estão bem estabelecidos os contatos com a Grécia desde muito cedo).

A obra está dividida em cinco capítulos sendo que o primeiro, que trata da descrição das estruturas, possui 270 páginas (de um total de 400) enfocando uma ampla pesquisa de tudo o que já foi escavado e publicado, bem como do que ainda será publicado em termos de estruturas na Idade

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Pós-graduação em Arqueologia, mestrado.

do Ferro. Assim, este capítulo inicial corresponde à maior parte do estudo. A descrição é muito clara, de fácil manuseio e compreensão, principalmente pelo recurso de ilustrações e tabelas. O capítulo se subdivide nos seguintes tópicos: edifícios absidais; edifícios ovais; edifícios circunvilíneos e de plano incerto; edifícios absidais e ovais domésticos; edifícios circulares; edifícios retangulares; planos híbridos; edifícios com plano incerto ou desconhecido; edifícios retangulares domésticos; e a tipologia dos edifícios “oikos” e “em anta” isolados bem como uma comparação com os edifícios de culto micênicos. Em cada categoria tipológica há uma divisão geográfica que segue a seguinte ordem: Grécia continental (norte, nordeste, central, Eubéia, Ática e Peloponeso); Cíclades, Ilhas orientais, Ásia Menor e Creta. Para uma melhor leitura, o autor reagrupou os edifícios pela tipologia em dez tabelas que são comparadas e discutidas no final do capítulo. Praticamente todos os sítios possuem ilustrações de sua localização e dos edifícios descritos, o que totaliza quase 500 ilustrações que são padronizadas na escala de 1:200, facilitando a comparação das estruturas (os vestígios muito pequenos estão em escala 1:100). Após uma detalhada descrição das estruturas (sempre com a preocupação da datação das mesmas), na medida do possível (e do publicado), o autor considera os achados em seu interior e as considerações feitas pelos que escavaram e/ou estudaram tais edifícios ou sítios. Este trabalho cuidadoso se dá para todas as estruturas, em todos os sítios já escavados e documentados das regiões consideradas. O capítulo 2 estabelece alguns critérios para a identificação de edifícios de culto e os de “governantes”, tais como a arquitetura e a disposição interna. No terceiro capítulo, o autor analisa a interação entre o sagrado e o profano, i. e., a relação dos edifícios de governantes com algumas práticas culturais tais como o culto heróico e a interação entre tais construções e os templos. O capítulo 4 faz uma comparação com os dados arqueológicos e as fontes literárias homérica e pós-homérica. E, por fim, o último capítulo tenta relacionar o desenvolvimento dos edifícios de governantes com o surgimento do templo na Pólis. A bibliografia apresentada por Ainian no final do livro é muito ampla e completa, sendo fundamental aos interessados nos temas tratados na obra.

Ainian mostra que, de um modo geral, os planos absidal e retangular são os preferidos durante a Idade do Ferro, tanto na arquitetura sagrada

quanto em edifícios públicos, enquanto os ovais e circulares são mais raros e geralmente estão associados a contextos domésticos. Alguns edifícios absidais, principalmente templos, erguidos no Geométrico Tardio, ainda eram utilizados no início do Arcaico. Os edifícios retangulares são os mais numerosos podendo apresentar proporções variadas e serem aglutinativos. Tanto o plano absidal quanto o retangular apresentam as mesmas possibilidades de arranjo interno e fachadas sendo que os templos arcaicos parecem derivar dos mesmos. Há duas categorias básicas para tais planos: com a frente aberta (edifício em anta) e com a frente fechada (oikos) e o mais comum durante a Idade do Ferro é o oikos com um cômodo, utilizado tanto nos edifícios de culto como nos de governantes.



oikos absidal com um cômodo



oikos retangular com um cômodo

A partir do estudo de tais planos e dos achados dentro das estruturas, Ainian conclui que no Protogeométrico e no Geométrico é praticamente impossível deduzir a função do edifício a partir do seu plano, diferentemente do que ocorre na época Arcaica. Por esta razão, um dos maiores problemas dos estudiosos deste período é determinar a função das construções, distinguindo entre um edifício de culto e a habitação de um governante. Para tanto, o autor propõe alguns critérios para a identificação da função das estruturas, tais como: características arquitetônicas (dimensões consideráveis, comparação com outros edifícios); localização (posição proeminente); dispositivos internos (lareira, canais de libação, banquetas). Ainda assim, o autor considera que há uma dificuldade em se diferenciar um edifício de governante de um de culto, dado que muitos dos critérios acima expostos pertencem às duas categorias de edifícios (dimensão, localização e arranjo interno). Sendo assim, o melhor critério para se estabelecer a diferença está nos objetos móveis, sua característica, distribuição e, principalmente, sua recorrência. Tal é a perspectiva de Colin Renfrew em seu artigo *The Archaeology of Cult. The Sanctuary at Phyla-*

kopi, no qual ele tenta estabelecer critérios para a identificação de um local de culto. Entre eles Renfrew enfatiza a recorrência dos objetos dentro de uma análise quantitativa na determinação de um contexto religioso.

Uma das dificuldades para tal diferenciação está no fato de que durante a Idade do Ferro umas das funções dos edifícios de governantes era a de servir em certas cerimônias religiosas, em especial o banquete ritual associado ao culto heróico. O autor faz então um balanço dos estudos a respeito do culto heróico, apresentando no final as conclusões que considera válidas. Analisa autores como: Nagy; Coldstream; Ian Morris; Snodgrass; Whitley; Polignac e Antonaccio (pp. 349-351). Ainian acredita que a expansão do culto heróico na segunda metade do oitavo século pode ser explicada através do prisma dos conflitos ideológicos entre a elite da Idade do Ferro e a isonomia da Pólis. É preciso sempre se ter em mente que é difícil distinguir entre um culto heróico, um culto a um antepassado e mesmo o culto a uma divindade etônia. Os cultos heróicos mais bem estabelecidos são aqueles associados a túmulos pré-históricos e aqueles ligados aos heróis dos ciclos míticos. Durante o Protogeométrico, o culto heróico estaria circunscrito a grupos familiares e aos edifícios de governantes. No decorrer dos séculos IX e VIII a.C., a evidência do culto heróico associado a tais construções cessa e no Geométrico Tardio o culto relacionado aos túmulos alcança seu auge. Sendo assim, a expansão do culto heróico neste período em associação com os túmulos micênicos pode ser entendida, em certos casos, como um ato da classe dos líderes desejando enfatizar os laços com os antigos líderes e heróis legendários, justificando, assim, a sua posição social. De modo geral, o ato de honrar os antepassados e heróis no Geométrico Tardio pode ser interpretado como um desejo de certas famílias ou grupos sociais, e em alguns casos de comunidades inteiras, de preservar e enfatizar por várias razões seus laços com o passado em um período durante o qual as condições econômicas, sociais e religiosas estariam se modificando rapidamente em todo o mundo grego.

Até o século VIII a.C. não há templos dedicados a divindades políades e somente em poucos sítios é possível identificar edifícios de culto suburbanos e extra-urbanos. Durante a época micênica, os cultos urbanos e talvez os rurais, estavam sob o controle palacial. Com o final da Civilização Micênica o culto doméstico parece ter ad-

quirido uma maior importância e no início da Idade do Ferro os templos existiram exclusivamente fora dos assentamentos. Com o gradual abandono do líder único e o crescimento populacional nos centros “urbanos” sentiu-se a necessidade de erguerem-se edifícios exclusivamente destinados à prática cultural dentro dos assentamentos. A evidência arqueológica demonstra que a construção do primeiro templo “urbano” está intimamente relacionada ao abandono do antigo regime político e à inauguração de um novo no qual vários membros da comunidade participavam na administração das necessidades comunais. A construção deste tipo de templo no século oitavo dificilmente pode ser explicada sem a existência de uma decisão coletiva e da implicância de recursos comunais. O templo dedicado a um patrono (divindade políade) parece surgir em par com a emergência da Pólis, i.e., o surgimento de um edifício específico para o culto relaciona-se com o abandono ou mudanças na função dos líderes locais e, conseqüentemente, de seus edifícios. Entretanto, o autor ressalta que este não é um padrão geral e que houve vários desenvolvimentos paralelos. Alguns assentamentos parecem não ter desenvolvido um templo urbano dedicado a uma divindade políade e foram abandonados sem alcançarem o estatuto de Pólis (p.ex., Nichoria e Assiros no continente, Kastro em Creta). Em muitos sítios o edifício de governante foi substituído pelo templo e em alguns ambos coexistiram durante certo tempo. Há quatro sítios onde tais edifícios foram preservados após a construção do templo (mas será que mantiveram suas funções sem alterações?). Alguns poucos edifícios de governantes foram convertidos em templos (três casos: Tirinto, Thermon e Elêusis) mas em nenhum deles tal processo se deu sem interrupção: há sempre um período, ainda que pequeno, de abandono da estrutura, ou mesmo do sítio. A partir do século oitavo, os assentamentos cresceram consideravelmente e a existência de apenas um líder parece ter sido colocada em questão. Tais líderes foram gradualmente iguais ao patamar da aristocracia e tal fato se reflete na arquitetura dos séculos VIII e VII a.C. Não existe mais uma construção que se diferencie das residências aristocráticas e em alguns sítios é praticamente impossível identificar a estratificação social através dos vestígios arquitetônicos (nos primeiros séculos da Idade do Ferro a distinção entre um edifício de governante e as demais residências era muito mais visível). O fato de os planos dos templos “urbanos” do Geométrico

co Tardio não diferenciarem dos edifícios domésticos contemporâneos sugere-nos que se trata de um período de transição no qual de um lado há a preservação da tradição na qual não há a necessidade das divindades possuírem uma construção mais suntuosa do que os mortais, e, de outro lado, um passo decisivo que é a clara dissociação entre o sagrado e o profano. O surgimento do templo dedicado a uma divindade políade é apenas uma das transformações ocorridas neste período que incluem melhorias nas condições de vida, a colonização e a retomada da escrita.

De acordo com Ainian, observando os templos do Arcaico Antigo, podemos reconhecer os principais planos do Protogeométrico e do Geométrico. Conseqüentemente, não se pode sustentar a idéia de que há uma ligação direta entre o templo grego arcaico e clássico e o mégaron micênico (ampla sala central dos palácios micênicos geralmente dotada de uma lareira circular no centro. Tal sala é entendida como tendo funções políticas e religiosas). Se há alguma relação, ela é de caráter indireto, uma vez que as principais categorias de edifício do Protogeométrico e do Geométrico (edifícios em anta e oikos) continuam uma longa tradição de planos da Idade do Bronze. Entretanto, não há um único caso cla-

ro da transmissão do plano do mégaron ao edifício de culto da Idade do Ferro, a não ser o fato de que muitos dos templos mais antigos deste período foram erguidos em locais onde se organizavam algumas atividades culturais da Idade do Bronze. Aparentemente, tal plano passou de um período para outro como arquitetura doméstica e posteriormente foi aplicado na arquitetura religiosa. Muitos dos templos arcaicos têm seu plano relacionado aos dos edifícios de governantes. A principal diferença entre os monumentais templos do Geométrico Tardio e do Arcaico Antigo e os edifícios de governantes dos períodos anteriores está no arranjo interno, mas isto é inevitável e natural pois a disposição interna de uma construção reflete a sua função. Assim, enquanto os edifícios de governantes possuíam várias divisões internas, os templos se caracterizam pela ausência das mesmas.

A obra de Ainian, por ser o resultado de uma tese revisada e ampliada, pelo cuidado e detalhamento da pesquisa bem como pela sua abrangência, é um dos grandes exemplos da mudança do enfoque nos estudos da pré-história grega, abrindo caminho para o conhecimento de um período até então considerado “obscuro” e é leitura fundamental para aqueles que se debruçam sobre as questões do surgimento da Pólis.

Referência bibliográficas

- DICKINSON, O.T.P.K.
1994 *The Aegean Bronze Age*, Cambridge.
- DICKINSON, O.T.P.K.; HOPE-SIMPSON, R.
1979 *A Gazetteer of Aegean Civilization in the Bronze Age I: mainland and islands*, Gotemburg.
- FEUER, B.
1996 *Micenaean Civilization: a research guide*, New York.
- TREUIL, R.; DARCQUE, P.; OLIVIER, J-P.; TOUCHAIS, G.
1989 *Les civilisations égéennes du Néolithique et de l'Age du Bronze*, Paris .
- RENFREW, C.
1985 *The Archaeology of Cult. The Sanctuary at Phylakopi*, The British School of Archaeology at Athens.

Recebido para publicação em 29 de maio de 1998.